

SOBRE A BARRAGEM ROMANA DE «OLISIPO», E SEU AQUEDUTO

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

Ao seguirmos pela estrada (E. N. n.º 250) que de Caneças conduz a Belas ou a Queluz, nos arredores de Lisboa, vemos a poucos metros do lado direito, ao quilómetro 16,423, uma grande e forte muralha arruinada. A muralha está separada da estrada por um pequeno ribeiro, por ter sido cortada de cima abaixo, precisamente sobre a margem do curso de água.

Intrigados com o insólito paredão, amparado na parte voltada para jusante, por três fortes gigantes, também em ruína, fomos observá-lo de perto. Verificámos, então, tratar-se de uma construção romana, que não podia ser senão uma barragem, e construída no séc. III A. D. Ela teria servido para provocar a formação da conhecida albufeira de onde um aqueduto levaria água a Lisboa, até à porta de St.º André, na Costa do Castelo.

Sabe-se que com o andar dos tempos a muralha e o aqueduto foram abandonados. À medida que a cidade ia crescendo, ficava a passar mais sede: disso é prova o que nos conta Francisco d'Olanda e adiante transcrevemos.

A água que brota na área e nas vizinhanças da antiga barragem foi de novo aproveitada no séc. XVIII; são, desta época, as várias construções («castella», ventiladores, etc.) que a Companhia das Águas de Lisboa ali mantém (Fig. 1).



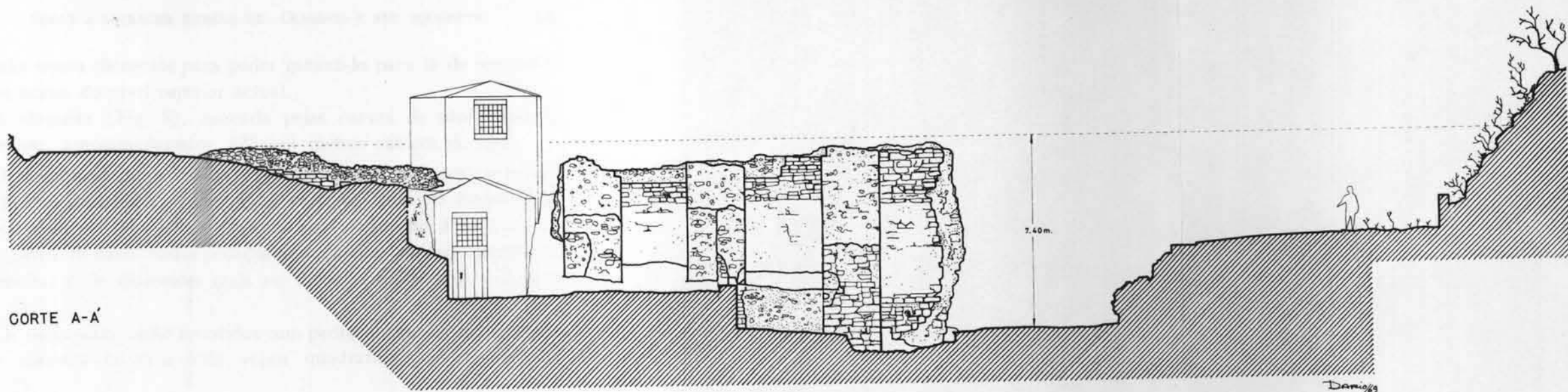
Fig. 1

A barragem romana ao centro; aos lados, ventiladores da C.^a das Águas

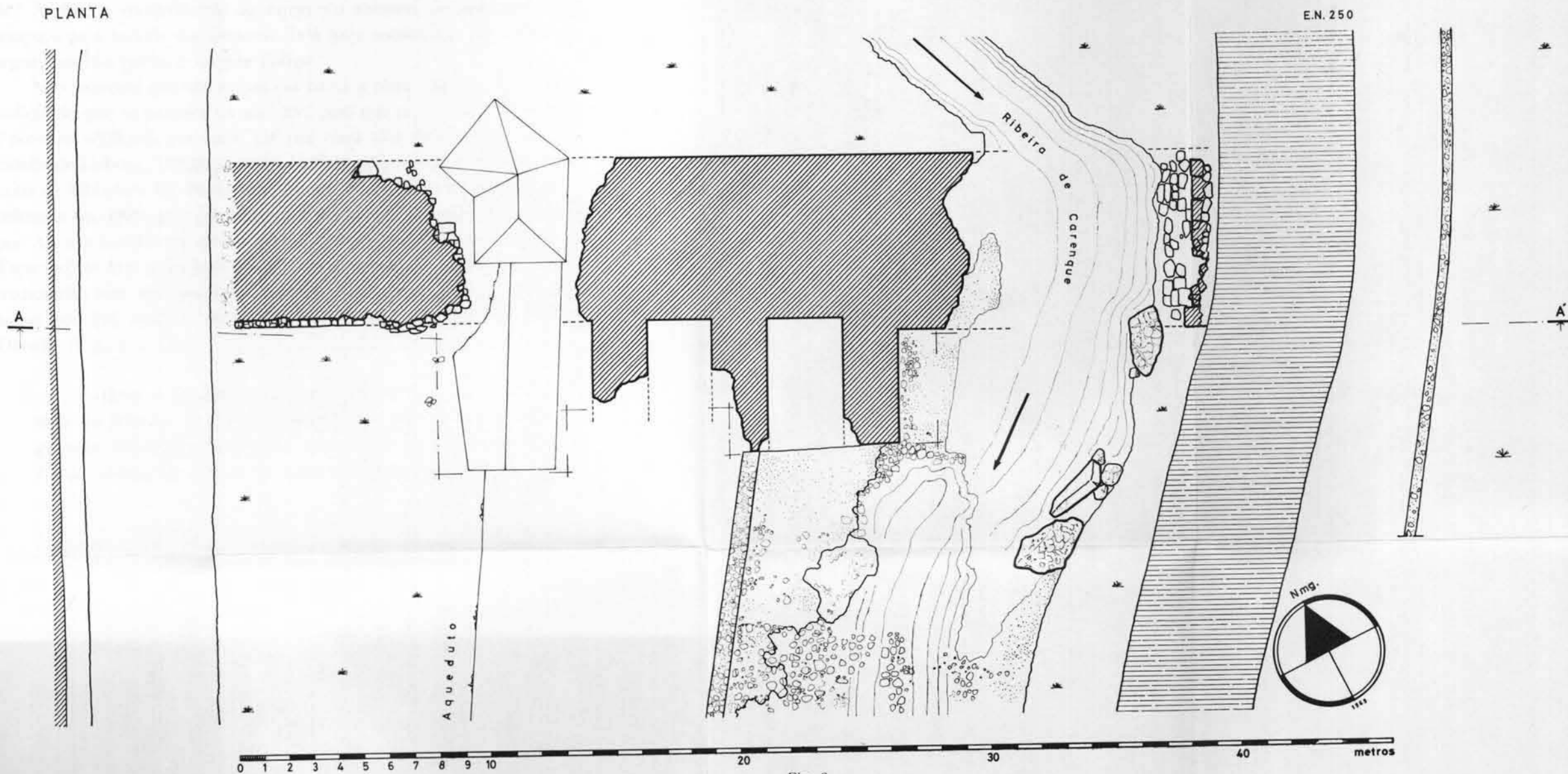
Uma notícia resumida sobre as ruínas foi por nós levada ao XI Congresso Nacional de Arqueologia Espanhola, realizado em Mérida e em Cáceres e dedicado, em parte, à Lusitânia romana.

Como pode ser observado na planta (Fig. 2), no corte (Fig. 2) e fotografias da muralha (Fig. 3 a 7), uma boa parte da construção foi destruída para passagem da estrada actual atrás referida; mas aqui as ruínas permanecem por baixo do seu leito e deverão ir até ao morro onde, desse lado, se fixava a muralha. A outra parte do paredão, ia firmar-se na «penedia» posta, do outro lado do vale. Também ali foi arrasada em parte, com o fim de abrir passagem para o actual aqueduto e sobre ele ser instalada uma construção por onde pode ser inspeccionado o canal.

Tem a muralha, que ainda se mantém em pé na parte central, o comprimento máximo de 15,5 metros; a maior altura vai até 8 metros e a maior espessura 7 metros. Provavelmente teria sido mais alta;



PLANTA



mas não temos elementos para poder garanti-lo para lá de uns centímetros acima do nível superior actual.

A albufeira (Fig. 8), marcada pelas curvas de nível, poderia armazenar, aproximadamente, 125 mil metros cúbicos de água.

O interior do muro foi construído em «opus incertum»; nele usaram pedras irregulares, de tamanho variável, mais ou menos entre $0,18 \times 0,08$ m e $0,09 \times 0,05$ m, ligadas por argamassa feita com cal parda, areia bastante fina e pedaços de cerâmica comum, encarnada, não muita, e de dimensões mais ou menos entre 0,01 m e 0,04 m (Fig. 6).

Os paramentos estão revestidos com pedra obtida no local e talhada à maneira de uma rude «opus quadratum pseudoisodomón» (Fig. 7).

No conjunto pode a obra ser datada do séc. III D. C.

A barragem fica, em linha recta, a cerca de 10 km. de Lisboa: tal seria, se lhe acrescentarmos o trajecto dentro da cidade actual, até St.º André, o comprimento do aqueduto romano desmantelado pelo tempo e pela incúria dos homens. Está hoje substituído por outro que segue, em boa parte, o trajecto antigo.

Não sabemos quando entrou em ruína a obra romana; mas temos notícia do que se passava no séc. XVI pelo que nos conta o desenhista Francisco d'Olanda em 1571, na sua obra «Da fabrica que falece a cidade de Lisboa». Dirigia-a ao rei D. Sebastião; conserva-se o manuscrito na biblioteca do Palácio da Ajuda. Foi publicada duas vezes; a primeira em 1879, por Joaquim de Vasconcelos; a segunda em 1929, por Alberto Cortês com prefácio de Virgílio Correia, saiu no «Archivo Espanhol de Arte y Archeologia». Transcrevemos, em seguida, o que do manuscrito tem interesse para o estudo do aqueduto da Água Livre, nome por que também era conhecido, a que juntamos desenhos de Olanda (Fig. 9 a 11):

...«Hora se Lysboa tẽ a Presução da Mayor e mais Nobre Cidade do Mundo: (...) E finalmẽte Como não tẽ Agoa pã beber a gente do Mũdo? E pois El Rey vosso Avo Trouxe Euora a Agoa da Prata perdida do Tempo de sertório Capitão Romano q̃ a trouxe

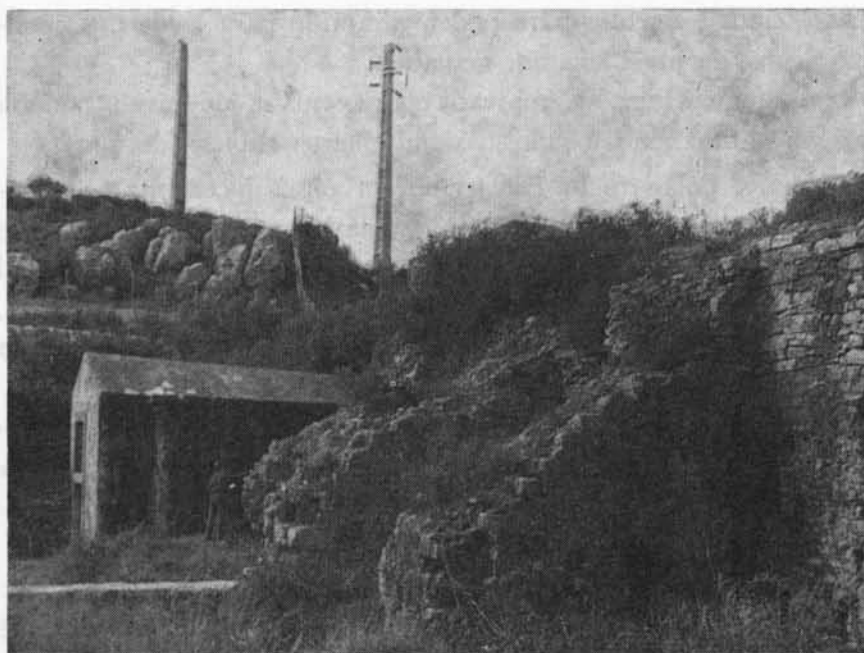


Fig. 3
Gigantes da muralha

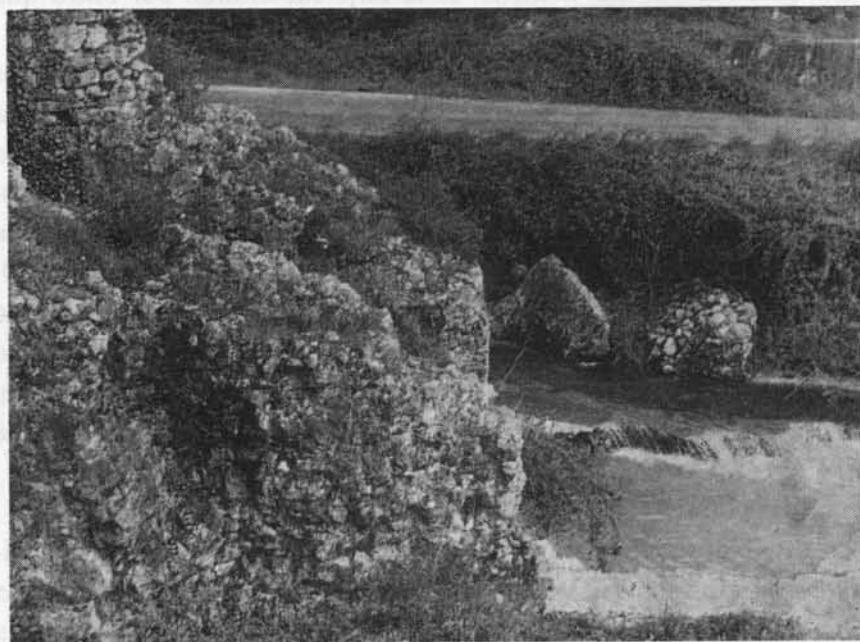


Fig. 4
Muralha, ribeiro e estrada

haquela Cidade E denouo a Ella Restituda por El Rey cõ ã a Cidade he mto mais sadia e ãnobrecida do ã era dantes: por onde merece El Rey ã Deos tẽ muyto Louvor: Tãbem. V.A. o Deue nisto de Emitar, pois não he menos Animoso e Magnifico: E deve de trazer a Lysboa AGOA . LIVRE . ã de duas Leguas della trouxerão os Romãos a Ella por cõductos debaxo da terra soterranhos, furãdo muytos Montes E cõ muyto Gasto E Trabalho, não sendo Lysboa sua afora outras Aguas ã trouxerão a ella tãbẽ muy de proposito como se querẽ E elles fazião as taes obras. E ali ãtre duas Penedias Asperissimas de dous Mõtes fizerão hũ Muro Larguissimo e forte ã lhe Represava a Agoa de hũ vale ã hũa Lagoa ou estanque ã ã Dijẽ ã trazião por seu pasatempo Gale e

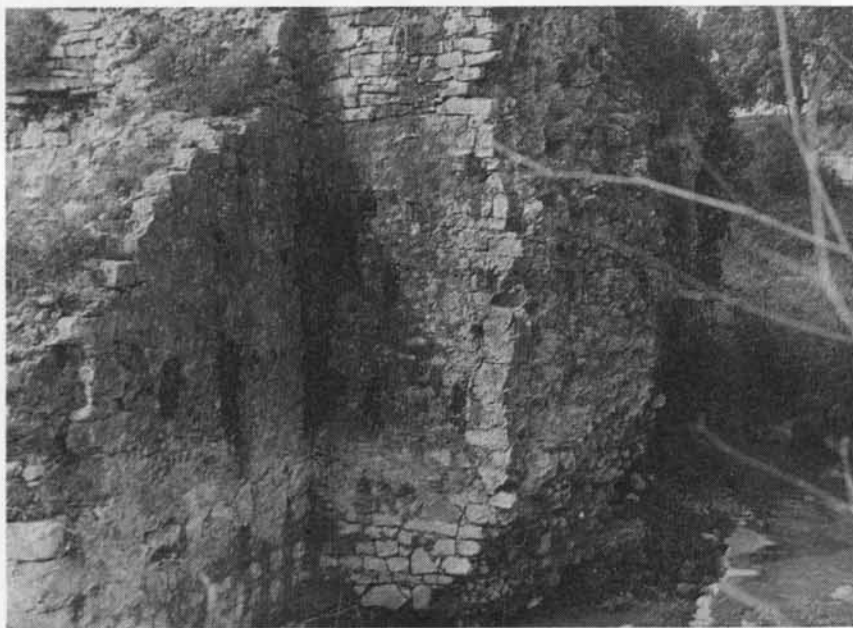


Fig. 5

Muralha e gigante, lado Nascente

bateis, Como se vé hoge ã dia na parede E sitio ã era posivel. E ganhe V. A. Esta Hõrra de fazer este beneficio a Lysboa (ou lho faca fazer) de Restituir Esta fonte de Agoa Liure ã assi se chama a Esta cidade ã Morre de sede. E não lhe dão Agoa. Da qual obra eu fiz a El Rey Vosso Avo Hũ Desegno pã a trazer



Fig. 6
Enchimento entre os paramentos



Fig. 7
Revestimento da muralha

ao Resio porquanto Ao modo deste Desegno q̃ El Rey muyto Desejou fazer antes de sua Morte E o Ifante Dõ Luys me Dixe q̃ Desejaua trazersse esta Agoa ha Ribeira para a Tomarẽ as nãos da India siquer por hũ dos Alifantes»

Os desenhos de Francisco d'Olanda referentes à barragem e aos chafarizes a construir em Lisboa são reproduzidos nas fig. 9 a 11. Na primeira das três vemos as «ásperas penedias» que na actualidade são bastante menos agrestes; à direita, no lugar onde no desenho está representado um castelo, vê-se actualmente um casario agrícola banal, mas com volume parecido ao do desenho. No paramento da barragem parece estar indicado o «isodomus» de revestimento. Apesar de tudo, o desenho de Olanda dá uma ideia muito real do que se vê hoje, com os dois vales a juntarem-se em uma pequena baixa, outrora o fundo da albufeira (Fig. 8).

Os desenhos dos chafarizes foram feitos, segundo nos conta o artista, para serem presentes ao rei D. João III. São pura invenção sua, como ele próprio o diz. Estavam na moda fontes com elefantes e Lisboa não devia ficar atrás de outras cidades, pois bem bastava o que lhe «falecia».

Muito o rei piedoso teria desejado fazer a obra do aqueduto mas não teve tempo ou possibilidade de a levar a cabo. Dois anos depois de ter sido escrita a obra do nosso artista, infere-se pela carta régia de dois de Março de 1573, que D. Sebastião tivera em muita estima as diligências feitas pela Câmara de Lisboa «sobre a agoa livre por ser cousa tão neçessaria pera provisão e ornamento da çidade»; e recomendou que se concluísse o que fosse necessário para se proceder à realização de uma obra tão precisa como era esta de trazer a água à cidade: mas de positivo nada foi feito.

Do primeiro dos reis Filipes, apesar de ter permanecido em Lisboa de 1581 a 1583, não encontrámos referência a qualquer diligência nesse sentido que julguemos valer a pena citar.

Outro tanto não sucedeu no reinado seguinte, de Filipe II, pois no curto espaço de tempo que permaneceu na capital portuguesa quando aqui veio para ser coroado rei e jurado o príncipe herdeiro, isto é, de 29 de Junho a 29 de Setembro de 1619, foi visitar as ruínas

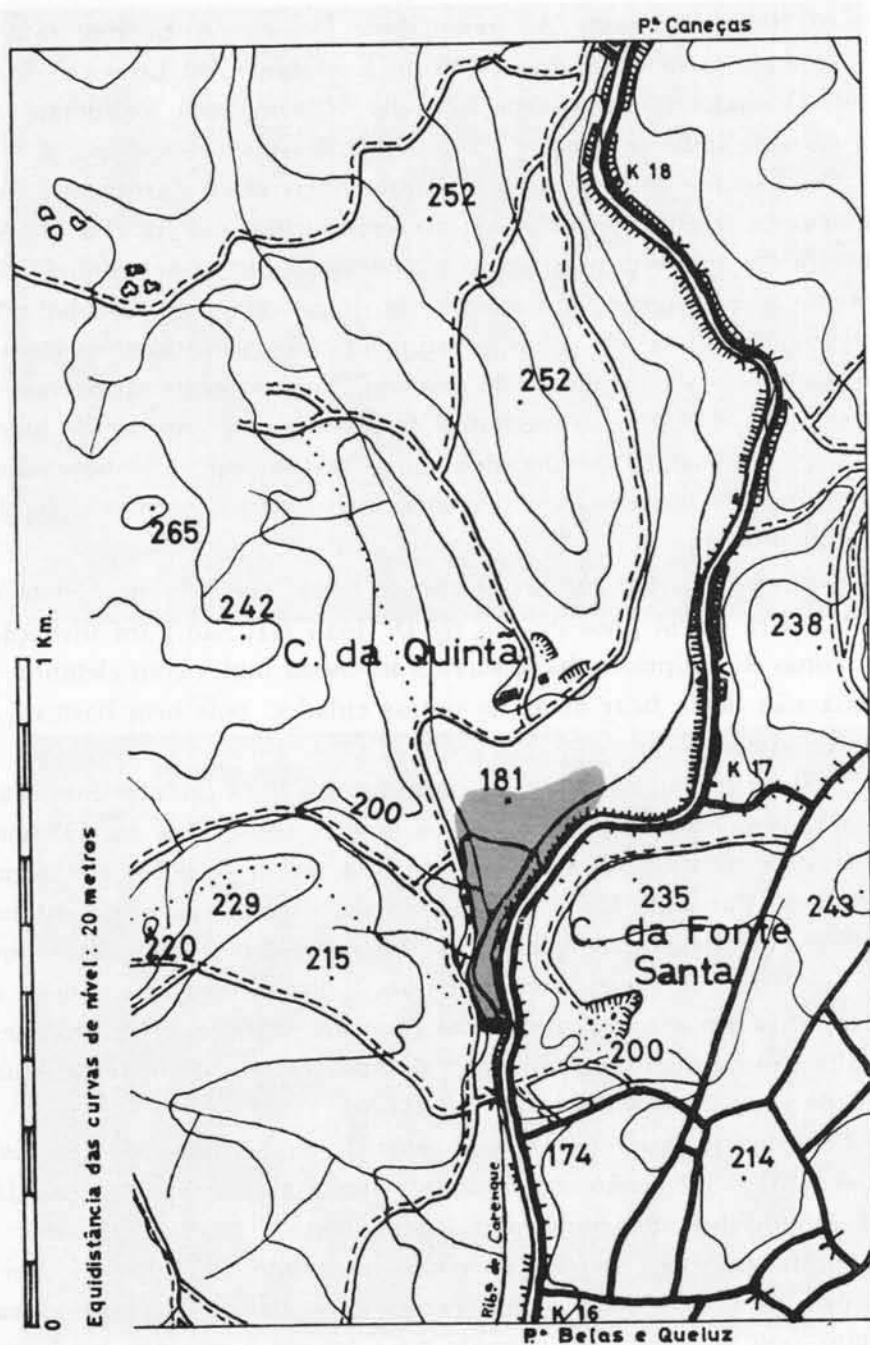


Fig. 8

Área provável da albufeira (a pontuado)

do velho aqueduto romano e a barragem, com intenção de promover a sua reconstrução ou substituição.

Talvez por esse motivo, ao regressar a Madrid no mesmo ano, deve ter dado ordem a Leonardo Turriano, que desde 1598 ocupava a vaga deixada por Filipe Tercio, para se ocupar activamente do assunto. Infere-se esta suposição por ter aquele architecto escrito em 1620 uma carta datada de Madrid, onde faz como que um relatório sobre quatro projectos ⁽¹⁾ para ser a Água Livre de novo trazida a Lisboa. Nele estabelece as vantagens de um traçado sobre os outros e conclue, por fim, ser «el aqueducto antigo dos romanos» o trajecto mais aconselhável, por ser o que corre mais alto; não precisa arcos e pode servir S. Roque e St.º André, pois ali dará água «como dio antigamente» ⁽²⁾.

A Câmara de Lisboa continuava a não descurar uma obra de tanto interesse para a cidade e requeria medidas urgentes. Por isso, a 3 de Setembro de 1620 «assentou, pelos abaixo assinados, ã conforme a carta ã esta cidade teve de Sua Magde. de 28 de Junho deste dito anno e conforme ao assento ã está neste livro (vid. assento de 11 de Setembro de 1618) ã a agoa livre se traga a esta çidade cõ as mais fõtes nesestr^{as} conforme as trasas ã Sua Magde. aprovar, sem dilação nem se perder tempo; mas ã p^a poder ser, se ouvesse de Sua Mag.de a joridição conveniente, asim p.^a a cidade tomar os postos terras e faz. das por onde a dita agoa ade pasar, sem excessão de pesoa (...)» ⁽³⁾ pois (...) todos teem obrigação de dar passagens à dita agua e não ha privilegio que disso os escuse» ⁽⁴⁾.

Haviam sido estabelecidas taxas para custeamento das obras; por isso houve também sérias discussões sobre os direitos dos eclesiásticos, pois julgavam-se isentos do pagamento do real-de-água. A Câmara escreveu no dia seguinte ao rei (4 de Setembro) declarando

⁽¹⁾ Agradecemos a Maria Judite Damas as buscas infrutíferas que fez, a nosso pedido, para encontrar os projectos de Turriano nos Arquivos de Lisboa. Possivelmente, se ainda existem, estarão no Arquivo de Madrid. O resultado das investigações de Judite Damas serão publicados no n.º 4 desta revista.

⁽²⁾ Eduardo F. de Oliveira, *Elem. para a História do Munic. de Lisboa*, Lisboa, 1885-1910.

⁽³⁾ Idem, *ibidem*, II, 565.

⁽⁴⁾ Idem, *ibidem*, II, 568.



Fig. 9 — Desenhos de Olanda: a muralha e a albufeira.

Fig. 10 — Idem. O chafariz para a Ribeira.

Fig. 11 — Idem. O chafariz para o Rocio.

que eles também deviam pagar, pois «igualmente hão de gosar d'agoa». Em 1621 insiste de novo Filipe II para se dar provimento ao fornecimento de água à cidade.

As dificuldades financeiras do rei aumentavam e os rendimentos eram desviados consoante fosse julgado mais oportuno.

Foi assim, com o maior desgosto, que a cidade tomou conhecimento do alvará régio de 1623; nele se determinava que os impostos destinados às obras do aqueduto (rendas da cidade, real-de-água, taxas sobre a carne e o vinho) passariam a ajudar o socorro da Índia ⁽⁵⁾.

A construção de um novo aqueduto havia de arrastar-se durante um século, pois só em 1728 se daria início aos trabalhos «com rigoroso empenho e actividade» ⁽⁶⁾. A barragem foi tida como desnecessária, dada a abundância de nascentes que foi possível captar na pequena bacia; e assim, a veneranda ruína que durante séculos reteve água para Lisboa matar a sede, está em risco de se arruinar cada vez mais e até de desaparecer. Ainda é tempo de lhe acudir protegendo-a com a classificação merecida e consolidando-a para ser mantido o que ainda existe e representa um belo testemunho do interesse de Roma por Olisipo

SUMMARY

Description of the ruins of a Roman dam probably of the III c. D.C. located some 10 km from Lisbon. An aqueduct led from the reservoir, formed by this dam, to the city. Sometime in the Middle Ages, no one knows when, the dam and the aqueduct ceased to work, because they fell into ruins. In the late 16th and early 17th century, there was some idea of putting them back into operation, but nothing positive was undertaken. It is interesting to note that three more layouts were proposed for building a new aqueduct; but the architect in charge found that the layout of the Roman aqueduct was the one which provided the best advantages.

Finally the water from the area of the dam was used directly, thanks to its many springs, in the beginning of the 18th century, without going through the dam; and, even today, water is taken to Lisbon by means of an imposing aqueduct.

⁽⁵⁾ Idem, *ibidem*, III, 57.

⁽⁶⁾ Idem, *ibidem*, XII, 232.

